

DIÁSPORA, ESPAÇO E LITERATURA: ALGUNS CAMINHOS TEÓRICOS

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira*
GONÇALVES, Glaucia Renate**

RESUMO: Este artigo aponta caminhos para a análise de textos literários contemporâneos, produzidos em língua inglesa, lidos no campo dos estudos diaspóricos, que emergiram recentemente como viés teórico-interpretativo. Para isso, procuramos delimitar o conceito de diáspora a partir de uma perspectiva espacial e estabelecemos critérios para a literatura produzida por escritores de comunidades diaspóricas. Examinamos, ainda, a noção de espaço literário como fundamento que alicerça o que denominamos “espaço literário diaspórico”.

PALAVRAS-CHAVE: diáspora; estudos literários; espaço literário diaspórico.

ABSTRACT: This article aims at presenting possible routes for the analysis of contemporary works of literature, written in English, from the framework of Diaspora Studies, a recently developed theoretical-interpretive field. In order to do this, we define the concept of diaspora having in mind the concept of space and establish criteria for literary works by writers who are members of diasporic communities. We also examine the notion of literary space as the basis for what we have termed “diasporic literary space”.

KEYWORDS: Diaspora; Literary Studies; Diasporic Literary Space

O estudo da diáspora e suas variadas manifestações vem ganhando cada vez mais força e se mostrando instrumental para a discussão de significativa produção literária no mundo contemporâneo. O intercâmbio entre os Estudos da Diáspora e os Estudos Literários é particularmente frutífero para a discussão de obras das literaturas de língua inglesa. Algumas questões, porém, permanecem irresolutas, ainda que cruciais para tal viés interdisciplinar: o que constitui uma diáspora? Como a diáspora se insere no contexto maior da mobilidade humana? De que formas a experiência diaspórica vem sendo representada ficcionalmente? Diante de tais indagações, o presente artigo parte, primeiramente, de uma definição do que é a diáspora, segundo alguns de seus principais teóricos. Procuramos, aqui, delimitar o conceito de diáspora a partir de uma perspectiva espacial.

* Professor Adjunto e Pesquisador em literaturas de expressão inglesa na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Letras (Literatura Comparada) pela UFMG.

**Doutora em Letras pela University of North Carolina (1995), professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais, docente atuante na graduação e na pós-graduação.

Em seguida, buscamos estabelecer critérios para a literatura produzida por escritores de comunidades diaspóricas, caracterizando, assim, o que chamamos de literatura diaspórica. Dentre os vários aspectos desta última, damos ênfase à representação literária da categoria de espaço, discutindo de que maneira a noção de espaço literário alicerça o que denominamos “espaço literário diaspórico”.

DIÁSPORA: UM CONCEITO EM DESLOCAMENTO

A relação entre o ato de narrar e a experiência humana de mobilidade sempre se constituiu em estratégia proveitosa para se pensar o literário. Não se trata de uma afinidade recente. Walter Benjamin (1969) afirma que no cerne das tradições literárias estão as narrativas centradas em peregrinos, comerciantes, marinheiros mercantes e todos os tipos de aventureiros. Ao retornarem para contar sobre lugares que visitaram e pessoas que conheceram, os viajantes muitas vezes ficcionalizam relatos pelo puro prazer de exercer, nos ouvintes e nos leitores, o fascínio das histórias contadas. Nas literaturas de língua inglesa, pode-se ir longe no tempo em busca de exemplos. Escrito no século XIV, *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer, é uma “narrativa de narrativas” em que peregrinos vão contando suas histórias no caminho, estimulados por um prêmio oferecido para aquele que contar a narrativa mais interessante. O conhecido clássico de Daniel Defoe *The Adventures of Robinson Crusoe*, de 1719, é centrado na aventura da viagem marítima, no encontro com o desconhecido e na inquietude de um protagonista que nunca se fixa em lugar algum.

Além de ser tema na literatura, a mobilidade humana funciona como mola propulsora para o ato de criação literária, uma vez que está também na experiência de muitos escritores. Como aponta Eva Hoffman, em seu lúcido ensaio “The New Nomads” (1999), estar distante da terra natal tem um preço bastante alto, que é o sofrimento humano, mas se há algum lado positivo nessa experiência, sem dúvida é a criatividade: “estar ‘desemoldurado’, por assim dizer, de tudo que é familiar, gera certo desligamento fértil e oferece novas maneiras de observar... O distanciamento do passado, somado ao sentimento de perda e de desejo, pode ser um estímulo maravilhoso para a escrita” (HOFFMAN, 1999, p. 50-51).¹ Também refletindo sobre passado e perda, Salman Rushdie (1982) pondera que os escritores exilados, emigrantes ou expatriados, como ele próprio, “são assombrados por um sentimento de perda, um desejo de

¹ “Being deframed, so to speak, from everything familiar, makes for a certain fertile detachment and gives one new ways of observing ... The distancing from the past, combined with the sense of loss and yearning, can be a wonderful stimulus to writing.”

recuperar, de olhar para trás, mesmo correndo o risco de serem transformados em estátuas de sal” (RUSHDIE, 1982, p 11).² Paradoxalmente, são os riscos da experiência de mobilidade que permeiam a literatura de Rushdie, lida, respeitada e pesquisada mundialmente.

Rushdie, nascido na Índia e radicado na Inglaterra, é um escritor que faz parte de uma experiência maior de mobilidade: a diáspora, uma forma antiga de deslocamento humano que tem adquirido nova face no contexto do mundo globalizado. A diáspora está entre os percursos contemporâneos possíveis em meio a tantas possibilidades de abordagem do movimento, como o exílio, o êxodo e a imigração.

A diáspora se tornou, indubitavelmente, uma das teorias mais proeminentes na pesquisa acadêmica em ciências humanas e sociais e os estudos literários não constituem uma exceção. Uma busca na internet constata um número surpreendente de centros de estudos da diáspora em universidades diversas, em países como Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos, Canadá, Índia e Brasil. Fundados recentemente, esses centros oferecem disciplinas, cursos de graduação e pósgraduação em estudos da diáspora e do transnacionalismo. Também organizam eventos científicos, palestras e patrocinam publicações de periódicos e livros sobre o assunto. Tamanho interesse se deve a razões como a crescente diáspora que ocorre nos cinco continentes do planeta e as transformações dela advindas, capazes de redefinir estruturas até então tidas como estáveis.

Conjecturando sobre a disseminação do uso do termo diáspora,³ Robin Cohen (1999) sugere que, antes de transcender o conceito, é preciso compreendê-lo em seus aspectos mais elementares. O termo diáspora implica conotações de movimento disperso, disseminação, descentramento e deslocamento. É possível entender a experiência diaspórica a partir de três formas, de acordo com Martin Baumann (1995): a diáspora pode se referir ao processo de dispersão e suas consequências, à comunidade vivendo fora da terra de origem e ao lugar, o espaço geográfico ocupado por este grupo. Steven Vertovec (1999) alerta para a necessidade de se distinguir claramente as três perspectivas de Baumann (1995) que, apesar de exemplificadas pela diáspora judaica e estarem relativamente consolidadas entre os teóricos, ainda causam confusão em trabalhos acadêmicos mais recentes.

Desdobrando o modelo de Baumann, Vertovec (1999) aponta três significados para diáspora que, segundo o autor, são mais contemporâneos: diáspora pode se referir a uma “forma social”, a um “tipo de conscientização”

², “... are haunted by some sense of loss, some urge to reclaim, to look back, even at the risk of being mutated into pillars of salt.”

³ Ellis Cashmore (2000) tem a mesma preocupação sobre o uso indiscriminado do termo diáspora e orienta o leitor citando William Safran, James Clifford, Robin Cohen, Stuart Hall e Paul Gilroy como autores que desenvolvem a teoria da diáspora com rigor e pertinência.

e a um “modo de produção cultural” (VERTOVEC, 1997, p. 277-78). Em sintonia com esta discussão, o terceiro sentido proposto por Vertovec (1997) está relacionado com a globalização e com seus fluxos culturais globais, apontando a condição diaspórica como um terreno fértil para as artes, inclusive a literatura. Outra contribuição enriquecedora para essa questão é a de James Clifford (1999), que antes de tudo nos chama a atenção para o fato que teorias da diáspora, discursos diaspóricos e experiências históricas da diáspora são três coisas distintas, e sugere que talvez uma maneira útil de definir o conceito de diáspora seja por oposição: “ao invés de estabelecer traços essenciais, podemos enfocar as fronteiras da diáspora, definindo-a pelo que ela não é... as diásporas são entendidas a partir de sua diferença em relação às (1) regras dos estados-nações e (2) reivindicações nativas, especialmente autóctones, de povos ‘tribais’, apesar de próximas destas” (CLIFFORD, 1999, p. 220).⁴

Neste artigo, objetivamos refletir sobre a diáspora como teoria e sua relação com os estudos literários, tendo sempre em mente que a representação ficcional da diáspora na produção literária contemporânea se dá pela sobreposição de dois eixos analíticos, a saber: o coletivo e o individual. O primeiro suscita questões inerentes aos laços e interesses coletivos que constituem comunidades diaspóricas e suas representações no texto literário. No segundo tem-se a individualidade do sujeito diaspórico, partindo das relações das personagens consigo mesmas, com as outras e com o contexto. Nos dois eixos, o estudo da diáspora estimula articulações não apenas com o literário, mas também com o social, o político e o cultural.

LITERATURA DIASPÓRICA E ESPAÇO LITERÁRIO

O exercício de reunir determinado *corpus* literário em uma categoria, nomeando-a, por exemplo, literatura diaspórica, implica a caracterização de pontos em comum e a existência de semelhanças entre textos de diferentes autores. Um dos desafios que propomos é o uso coerente da expressão “literatura diaspórica”, a fim de designar um conjunto de textos conectados por sua natureza e ao mesmo tempo específicos em sua diversidade cultural, visto que, nos procedimentos de análise comparativista, semelhanças e diferenças coexistem. De fato, aplicar a teoria da diáspora a textos que por um lado se aproximam e por outro se distanciam é um exercício que nos obriga a sair de uma zona de conforto analítico, lançando-nos em um universo de particularidades que precisam ser escrutinizadas.

⁴ “Rather than locating essential features, we might focus on diaspora’s borders, on what it defines itself against ... Diasporas are caught up with and defined against (1) the norms of nation-states and (2) indigenous, and especially autochthonous, claims by ‘tribal’ peoples.”

Grande parte dos teóricos da diáspora apresenta seus argumentos sustentados por meio de exemplos da literatura. Entretanto, poucos se dedicam à tarefa de definir e caracterizar formalmente aquilo que chamam de literatura diaspórica. Algumas exceções são Vijay Mishra (2007), Sandra Ponzanesi (2008) e Shaleen Singh (2008). Singh (2008) assim identifica o surgimento de uma literatura diaspórica: “seu sentimento de anseio pela terra natal, um apego singular às suas tradições, religiões e línguas dão à luz a literatura diaspórica que é primariamente preocupada com o apego do indivíduo ou da comunidade à terra natal” (SINGH, 2008, p.1).⁵ A perspectiva de Singh (2008) é centrada na questão da terra natal, o que faz dela um ponto de partida apenas, pois a influência do lugar de origem constitui somente um entre vários aspectos da condição diaspórica. Além disso, o mito e o desejo de retorno são superados por muitos sujeitos na diáspora. A terra natal também está entre os aspectos destacados por Mishra (2007), para quem a “escrita diaspórica frequentemente evoca um momento de trauma na terra natal” (MISHRA, 2007, p.12).⁶ Ainda segundo esse autor, uma literatura diaspórica deve conter um imaginário diaspórico, uma poética diaspórica e uma “mobilidade incrustada no romance” (MISHRA, 2007, p. 5).⁷

Sob uma ótica diferente, Ponzanesi (2008) estabelece três princípios para uma literatura diaspórica: história diaspórica do escritor, referências internas à diáspora no texto e relações diaspóricas e dialógicas com outros textos, tempos e espaços. A história de vida do escritor diaspórico envolve imigração ou outros tipos de deslocamento e um complexo processo de negociação entre o país de origem e a terra que o hospeda. Isso seguramente vai refletir no conteúdo e nas formas literárias de sua obra. Ponzanesi também vê, em uma literatura diaspórica, referências à diáspora no interior da obra literária, como a dispersão e a relocação de personagens, e a diáspora no estilo narrativo, que tende a ser “fragmentado, em camadas e nômade” (PONZANESI, 2008, P. 123).⁸ Ponzanesi destaca ainda a existência de uma linguagem figurada diaspórica em tempos e espaços diaspóricos.

O último elemento dos princípios elencados por Ponzanesi (2008) para uma literatura diaspórica se refere às relações diaspóricas e dialógicas do texto com outros textos, tempos e espaços. Ela exemplifica esse princípio com o romance *O paciente inglês*, de Michael Ondaatje. A adaptação fílmica do diretor Anthony Minghella, lançada em 1996, ilustra a “disseminação do romance em outra forma de mídia” (PONZANESI, 2008, p. 131),⁹ o que leva o texto a viajar por outros meios narrativos para atingir

⁵ “Their sense of yearning for the homeland, a curious attachment to its traditions, religions and languages give birth to diasporic literature which is primarily concerned with the individual’s or community’s attachment to the homeland.”

⁶ “Diasporic writing often recalls a moment of trauma in the homeland.”

⁷ “mobility embedded in the novel.”

⁸ “fragmented, layered and nomadic.”

⁹ “dissemination of the novel in another media form.”

novos públicos e expandir os significados originais.

Em nosso ponto de vista, a definição de uma categoria como literatura diaspórica, desafio encarado por Mishra (2007), Ponzanesi (2008) e Singh (2008), evolui a partir da questão do deslocamento através do espaço, sejam espaços concretos ou abstratos, uma vez que diáspora é um conceito espacial por excelência. Assim, propomos uma relação tríade entre diáspora, literatura e espaço, cuja discussão iniciamos pela noção de “espaço literário”. Para Paulo Astor Soethe (2007), espaço literário é o:

Conjunto de referências discursivas, em determinado texto ficcional e estético, a locais, movimentos, objetos, corpos e superfícies, percebidos pelas personagens ou pelo narrador (de maneira efetiva ou imaginária) em seus elementos constitutivos (composição, grandeza, extensão, massa, textura, cor, contorno, peso, consistência), e às múltiplas relações que essas referências estabelecem entre si. Esse conjunto constitui o entorno da ação e das vivências das personagens no texto e surge sob a visão mediadora de um ou mais sujeitos perceptivos no interior da obra. (SOETHE, 2007, p. 223)

A definição de Soethe (2007) nos fornece uma percepção de espaço na literatura que estimula possibilidades de interpretação capazes de expandir o sentido de uma obra literária. Ao se considerar o conjunto proposto por Soethe (2007), uma complexa rede espacial é formada, por exemplo, entre espaços concretos, descritos e detalhados no texto literário e espaços simbólicos que, apesar de não mencionados pelo autor, se justapõem aos concretos. Juntos, espaços concretos e simbólicos constituem relações de troca permanente: são agentes transformadores e são transformados ao mesmo tempo, resultando em combinações imprevisíveis.

Nossa proposta é expandir a expressão “espaço literário” para que possa designar mais que os atributos percebidos no conteúdo das obras, que fazem parte dos espaços literariamente representados, ficcionais ou não. Em “Espaços literários e suas expansões”, Luis Alberto Brandão (2007) lista três modos de abordagem do espaço na literatura, além da representação do espaço abordada por Soethe (2007): “espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização; espaço da linguagem” (BRANDÃO, 2007, p. 208). A espacialidade na estruturação textual destaca-se principalmente em textos modernistas e pós-modernistas que promovem a ruptura do tempo linear, da ordem consecutiva e progressiva que tradicionalmente acompanham o desenvolvimento do texto na página. O espaço como focalização, conforme pondera Brandão (2007), é aquele criado pela instância narrativa, em que o espaço é observado e de onde se narra a partir de um lugar. O espaço da linguagem, terceiro modo de abordagem do espaço na literatura, parte do princípio de que a palavra

também é espacial por duas razões: a própria noção de estrutura implica espacialidade e, sendo o texto organizado em uma estrutura, então ocupa um determinado espaço. Na segunda razão apresentada por Brandão (2007) a linguagem tem caráter espacial porque os signos têm materialidade e sua concretude é comprovada pela capacidade que possuem de influenciar os sentidos humanos (BRANDÃO, 2007, p. 212).

Creemos que esses três modos de abordagem do espaço na literatura podem ser somados ao espaço “para” a representação, isto é, os espaços concretos construídos para acolher o imaginário: se o teatro e o palco são projetados para a encenação de peças, os livros são produzidos para dar existência material ao texto. Em outras palavras, análises de espaços de representação devem levar em conta a forma, os recursos e os gêneros literários, com atenção também para a estrutura material do livro e sua composição espaço-textual. Esses elementos são empregados como estratégias produtoras de sentido, tão importantes quanto o conteúdo das narrativas.

Congregadas na categoria espaço para a representação, a estrutura material do livro e sua composição espaço-textual não apresentam demarcações que as separem objetivamente nem dos espaços representados nas obras literárias e nem entre si mesmas. Tampouco é nosso objetivo tentar estabelecer tais fronteiras. Georges Perec (1998), por sinal, alerta-nos para a impossibilidade de tal tarefa. No livro *Species of Spaces*, Perec (1998) dedica-se, dentre outras coisas, ao estudo da página, uma reflexão que é útil para compreender como espaço representado e espaço de representação estão intimamente ligados na obra literária. O autor reflete sobre o espaço físico da página, a folha branca de papel, com ponderações que evoluem no sentido da ocupação da página, a qual passa a ser coberta de palavras, letras e linhas. Perec (1998) então afirma que “em um momento ou outro, quase tudo passa por uma folha de papel [...] um ou outro dos variados elementos que compreendem o cotidiano são inscritos” (PEREC, 1998, p.12).¹⁰

Ao se referir ao espaço do texto como o espaço do tudo, Perec (1998) conclui que o alfabeto é o *aleph* de Jorge Luis Borges, uma espécie de lugar de onde se pode ver o mundo todo simultaneamente. Valendo-nos da relevância que Perec (1998) confere ao papel, entendido como o espaço do escrever, propomos reconhecer e problematizar o espaço que associa a forma literária ao seu conteúdo. Estabelecendo a diáspora como elemento comum a essa interseção, é necessário que se analise a obra literária como um todo, interrogando: haveria formas literárias mais pertinentes às narrativas que contam histórias de sujeitos diaspóricos? É possível

¹⁰ “At one time or another, almost everything passes through a sheet of paper [...] one or another of the miscellaneous elements that comprise the everydayness of live comes to be inscribed.”

estabelecer aspectos estilísticos diaspóricos combinados às representações das comunidades diaspóricas?

Três exemplos nos vêm à mente e parecem responder de forma afirmativa às questões colocadas acima. O primeiro deles é *Crescent* (2003), de Diana Abu-Jaber. De origem jordaniana, a escritora tece uma narrativa em dois níveis para representar a diáspora árabe nos Estados Unidos. Em um deles, o narrador em terceira pessoa apresenta o enredo central que se passa na Califórnia e enfoca Sirine, chef de cozinha órfã que vive com seu tio. Em outro, o tio narra as aventuras do escravo Abdelrahman Salahadin no Oriente. As histórias paralelas que se alternam aproximam, capítulo por capítulo, os Estados Unidos e o Oriente Médio, num jogo de mitificar e desmistificar terra natal e país hospedeiro, questão central para comunidades diaspóricas.

Um segundo exemplo é “The Cariboo Cafe”, da escritora *chicana* Helena Maria Viramontes.¹¹ O conto apresenta três histórias diferentes e aparentemente isoladas – a de dois irmãos, filhos de imigrantes mexicanos ilegais; a de um estadunidense dono de restaurante; a de uma mulher latino-americana à procura de seu filho desaparecido – que, ao final, convergem em uma única tragédia. “The Cariboo Cafe” discute a situação de imigrantes nos Estados Unidos ao mesmo tempo em que promove a união latino-americana, ao aproximar mexicanos e uma personagem de um lugar não nomeado no texto, mas explicitamente associado à atuação dos Contras e à censura governamental.

Um terceiro exemplo, agora ilustrando a inovação em termos de gênero literário e a disposição do texto na página, é a obra *Circle K Cycles* (2001), da nipo-estadunidense Karen Tei Yamashita. A obra, que aborda a diáspora nipo-brasileira no Japão, parece ter sido pensada em termos de um espaço múltiplo que pudesse fundir a palavra escrita ao texto visual, em uma coletânea literária diversificada. A estrutura de *Circle K Cycles* é fragmentada em textos curtos, alternando ficção e não ficção, que não dependem de sequência entre si para adquirir sentido. Outro aspecto peculiar é a diagramação do texto em duas colunas que quebram a progressividade do texto na página, fazendo com que o livro se assemelhe a uma revista. Dessa forma, a estrutura de *Circle K Cycles* sugere a intenção de suspender a linearidade textual, invalidando, por meio do espaço de representação, a expectativa de uma cronologia ordenada dos eventos. Além disso, *Circle K Cycles* segue uma tendência contemporânea de combinação de gêneros literários. A coletânea flexibiliza as fronteiras entre os gêneros, reunindo ensaios, contos e memórias de viagem. Esse hibridismo de gênero permite que Yamashita coloque variadas perspectivas de mundo lado a lado.

¹¹ Sobre a controversa existência de uma diáspora mexicana, ver a recente obra *Mexico and Its Diaspora in the United States*, de Alexandra Délano (Cambridge, Cambridge University Press, 2011).

ESPAÇO LITERÁRIO DIASPÓRICO

Na lacuna de uma sistematização teórica específica para a literatura diaspórica, este trabalho tem como desafio reunir um conjunto de aspectos elementares à literatura diaspórica, que desenvolvemos a partir das ponderações de Mishra (2007), Ponzanesi (2008) e Singh (2008), e, sobretudo, a partir de leituras e pesquisas próprias. Como objetivamos estabelecer a discussão em relação ao espaço, lançamos mão de algumas colocações acerca do espaço literário feitas por Perec (1998), Brandão (2007) e Soethe (2007) a fim de fundamentar o que chamamos de “espaço literário diaspórico” como uma dimensão em construção, um ponto de partida para futuras discussões. Partimos da premissa de que o espaço literário diaspórico inclina-se a uma articulação da noção de diáspora em âmbitos que vão do literário ao extraliterário, passando por níveis de transição entre um e o outro. Assim, o espaço literário diaspórico é aquele que:

1) versa sobre comunidades na diáspora, com personagens que representam sujeitos diaspóricos;

2) está imbricado de ideias de movimento e cruzamentos de fronteiras, articuladas à dispersão diaspórica que tem início na terra natal;

3) tem por tema a dispersão diaspórica e o fator, ou fatores, que a causaram, frequentemente um trauma na terra natal, que em geral é conhecido logo na exposição;

4) tende a apresentar o enredo de forma não-linear, combinando a imprevisibilidade de fatores externos, ocorridos na terra estrangeira, com os fatores psicológicos, internos aos personagens.

5) tem como cena principal o enclave diaspórico, um entre-lugar em que a história se passa, situado geograficamente fora da terra natal, mas que traz referências a ela, em meio a influências espaço-culturais do país hospedeiro;

6) explora o conflito e a intriga, externos ou internos às personagens, surgidos no deslocamento diaspórico e no convívio na terra hospedeira;

7) prioriza um clima tenso, recorrente na condição diaspórica, quer seja por razões sociais, morais, econômicas, políticas ou psicológicas, girando em torno da relação da diáspora com o país hospedeiro e a terra natal;

8) realiza-se por meio de um estilo narrativo fragmentado ou disperso, estratificado ou superposto em camadas;

9) em termos discursivos, tende a apresentar narradores e personagens cuja linguagem caracteriza a diferença cultural na diáspora, sendo frequente o emprego de vocábulos, expressões e até textos inteiros em mais de uma língua e, muitas vezes, misturando e fundindo as línguas da terra natal e do país hospedeiro, constituindo uma conjuntura linguística híbrida;

10) está propenso a apresentar influências de uma tradição literária de origem, uma “terra natal literária”, cujas referências estão presentes na formação do escritor diaspórico, e podem estar visivelmente marcadas em seu trabalho ou se manifestar simbolicamente;

11) explicita um posicionamento político, já que narrativas diaspóricas geralmente dão voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas;

12) é criado por escritores com história pessoal e familiar diaspórica, ou que optam por um estilo de vida diaspórico, tendo, com frequência, interesse em escrever sobre a terra natal, o país hospedeiro e quaisquer temas pertinentes à comunidade diaspórica em si.

Os doze aspectos supracitados são, por cautela, arrojados ao texto em prosa, mas alguns deles poderão ser atribuídos à poesia e ao teatro diaspórico. Ressaltamos que as características listadas não dizem respeito ao espaço literário diaspórico em caráter exclusivo, tampouco são válidas para qualquer situação, mas devem estar abertas às especificidades de escritores diaspóricos de tradições variadas, sempre sob o influxo do tempo. Ademais, não há dúvida de que a discussão apresentada aqui de forma um tanto breve merece investigação mais detalhada e maior exemplificação para que se possa vislumbrar de maneira efetiva a noção de espaço literário diaspórico. Longe de serem taxativas, as características acima listadas têm o propósito de informar leitores e propor caminhos a pesquisadores interessados em se debruçar sobre questões tão caras à contemporaneidade, como a diáspora.

REFERÊNCIAS

ABU-JABER, Diana. *Crescent*. New York: Norton, 2003. 349 p.

BAUMANN, Martin. Conceptualizing diaspora: the preservation of religious identity in foreign part, exemplified by Hindu communities outside India. *Temenos Journal*, Mount Pleasant, Michigan, v. 31, p. 19-35, 1995.

BENJAMIN, Walter. The storyteller: reflections on the work of Nikolai Leskov. In: ARENDT, H. (Ed.). *Illuminations*. New York: Schocken, 1969. p. 83-109.

BRANDÃO, Luís Alberto. Espaços literários e suas expansões. *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, UFMG, n. 15, janeiro, p. 207-220, 2007.

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Tradução de Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.

CHAUCER, G. *The Canterbury tales*. London: Oxford University Press, 1989.

CLIFFORD, James. Diasporas. In: COHEN, Robin; VERTOVEC, Steven (Eds). *Migration, diasporas and transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 251-251.

COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from victims to challengers. In:

- _____; VERTOVEC, Steven (Eds). *Migration, diasporas and transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 266-278.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1995. 335 p.
- HOFFMAN, Eva. The new nomads. In: ACIMAN, André (Ed). *Letters of transit*. reflections on exile, identity, language, and loss. New York: The New Press, 1999. p. 35-63.
- MISHRA, Vijay. The literature of the Indian diaspora: *theorizing the diasporic imaginary*. New York: Routledge, 2007. 312 p.
- PEREC, George. Species of spaces. In: _____. *Species of spaces and other pieces*. Tradução e edição de John Sturrock. New York: Penguin, 1998. p.1-96.
- PONZANESI, Sandra. Diaspora in time: Michael Ondaatje's *The English Patient*. In: SHACKLETON, Mark. (Ed.) *Diasporic literature and theory: where now?* Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 120-137.
- RUSHDIE, Salman. Imaginary homelands. In: _____. *Imaginary homelands: essays and criticism*. New York: Penguin, 1991. p. 9-21.
- SINGH, Shaleen. *Diaspora literature: a testimony of realism*, 2008. Disponível em: <<http://ezinearticles.com/?Diaspora-Literature—A-Testimony-of-Realism&id=1362004>> Acesso em: 02 jun. 2012.
- SOETHE, Paulo Astor. Espaço literário, percepção e perspectiva. *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, n. 15, p. 221-229, jan. 2007.
- VERTOVEC, Steven. Three meanings of “Diaspora”, exemplified among South Asian religions. *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*. Toronto: University of Toronto Press, v. 6, n. 3, p. 277-78, 1997.
- VIRAMONTES, Helena María. The Cariboo Cafe. In: _____. *The Moths and Other Stories*. 2nd ed. Houston, Texas: Arte Público Press, 1995 (1985). p. 65-79.
- YAMASHITA, Karen Tei. *Circle K Cycles*. Minneapolis: Coffee House, 2001. 147 p.